



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade devem indicar que PIB ficou praticamente estável no 4T25.

- A agenda da semana no Brasil é bastante enxuta após o feriado do Carnaval e conta apenas com os resultados das *proxies* mensais de atividade econômica de fechamento de 2025.** Nesta quinta-feira (19), o Banco Central divulga o índice IBC-Br, que deve voltar ao campo negativo, com queda estimada de 0,4% em dezembro, refletindo o recuo dos principais indicadores setoriais oficiais (indústria, serviços e varejo) no mês. Com isso o índice deve devolver parte da alta (+0,7%) observada em novembro. Na sexta (20) é a vez da FGV divulgar o resultado do Monitor do PIB. De modo geral, ambos os indicadores devem sinalizar a continuidade do processo de desaceleração da economia no fim de 2025, resultando em um desempenho bastante modesto do PIB no 4º trimestre, novamente próximo da estabilidade. De toda forma, o resultado é suficiente para garantir um crescimento do PIB de 2025 em torno de 2,2%, dado a forte expansão da economia no 1º trimestre do ano, em função da super safra agrícola. O resultado oficial do PIB do 4T e do ano completo de 2025 será divulgado pelo IBGE no dia 03 de março.
- O Banco Central divulgou em nota nesta quarta-feira (18) que decretou a liquidação extrajudicial do Banco Pleno S.A., com extensão do regime especial à Pleno DTVM S.A..** Segundo dados do IF.Data referente ao 3º trimestre de 2025, o banco possuía R\$ 7,6 bi em Ativos, concentrados em TVMs (R\$ 5,1 bi) e uma carteira de crédito de R\$ 123,1 milhões. Em relação ao seu Passivo, a IF possuía R\$ 5,6 bi em depósitos, a maior parte deles referente a depósitos a prazo (R\$ 5,2 bi). Em nota, o BCB afirmou se tratar de um conglomerado de pequeno porte (tipo S4, ou seja ativos até 0,1% do PIB), representando 0,04% do ativo e 0,05% das captações totais do SFN. O BC apontou que a “liquidação extrajudicial foi motivada pelo comprometimento da situação econômico-financeira da instituição, com deterioração da situação de liquidez, bem como por infringência às normas que disciplinam a sua atividade e inobservância das determinações do Banco Central do Brasil.” Segundo estimativas do FGC (Fundo Garantidor de Crédito), a instituição irá desembolsar R\$ 4,9 bi para honrar os depósitos assegurados no Pleno. Com isso, esse é o terceiro grupo de instituições liquidado pelo BC em um prazo de 4 meses: Master, Will Bank e Pleno, todos pertencentes originariamente ao grupo Master. No total, os desembolsos do FGC se aproximam de R\$ 52,2 bi: Master: R\$ 41,0 bi, Will: R\$ 6,3 bi e Pleno: R\$ 4,9 bi.
- Nos EUA, a semana traz uma série de indicadores, com destaque para a prévia do PIB do 4º trimestre, que deve mostrar que a economia do país segue crescendo em bom ritmo.** O resultado será divulgado na sexta-feira (20) e o consenso do mercado espera um crescimento trimestral anualizado de 3,0% (equivalente a uma alta de 0,7% no trimestre), mesmo após o forte crescimento do trimestre passado (+4,4%), refletindo a resiliência do consumo das famílias (apesar da desaceleração da geração de vagas) e os elevados investimentos em tecnologia (IA), que tem mais do que compensado as incertezas trazidas pela política comercial de Donald Trump, além do longo *shutdown* (43 dias) que afetou os serviços públicos do país entre outubro e novembro. Com isso, os EUA devem ter registrado crescimento de 2,1% em 2025. O resultado deve dar suporte para as apostas de manutenção das taxas de juros nas próximas reuniões do Fed. Ainda no âmbito da atividade, também serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais, produção industrial, confiança do consumidor e indicadores do setor imobiliário ao longo da semana.
- A semana também traz dados de inflação (PCE) e a ata da última reunião do Fomc.** No campo da inflação, também na sexta (20) sairá o resultado do índice PCE, que deve subir 0,3% em dezembro, fechando o ano com alta de 2,8%, mesmo nível de 2024 e acima da meta de 2%, mostrando alguma pressão dos itens tarifados, mas abaixo do esperado quando a medida foi anunciada. Nesta quarta (18), o Fed divulga a Ata da última reunião do Fomc, que manteve os juros estáveis no intervalo entre 3,5% e 3,75% aa, após três quedas seguidas. O documento deve detalhar a decisão do Colegiado e reforçar a mensagem de certo conforto com o atual nível dos juros, dado o cenário de crescimento ainda resiliente e inflação um pouco acima da meta.
- Na Zona do Euro, as prévias de fevereiro dos índices PMI devem sinalizar algum ganho de tração da atividade econômica.** A expectativa é que os indicadores (serviços e manufatura) apresentem ligeira melhora no mês, apoiados por uma política monetária mais frouxa no continente. Ainda assim, os patamares seguem compatíveis com um novo episódio de baixo crescimento econômico na região neste ano.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/fev	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Dez/25	-0,4% m/m 2,3% a/a	0,7% m/m 2,6% a/a
20/fev	FGV: Monitor do PIB	Dez/25	-	1,1% m/m 1,9% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
16/fev	Zona do Euro	Produção Industrial	Dez/25	-1,5% m/m	0,7% m/m
18/fev	EUA	Alvarás para novas construções	Nov/25 e Dez/25	0,6% m/m	-0,3% m/m
18/fev	EUA	Produção Industrial	Jan/26	0,4% m/m	0,4% m/m
18/fev	EUA	Fed: Ata da última reunião do Fomc	Jan/26	-	-
19/fev	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Fev/26 - prévia	-12,0 pts	-12,4 pts
19/fev	EUA	Vendas de casas pendentes	Jan/26	2,0% m/m	-9,3% m/m
20/fev	Zona do Euro	PMI Manufatura/Serviços	Fev26 – prévia	50,0 pts / 51,9 pts	49,5 pts / 51,6 pts
20/fev	EUA	PMI Manufatura/Serviços	Fev/26 – prévia	52,3 pts/ 53,0 pts	52,4 pts/ 52,7 pts
20/fev	EUA	Deflator de gastos de consumo pessoal (PCE)	Dez/25	0,3% m/m 2,8% a/a	0,2% m/m 2,8 a/a
20/fev	EUA	PIB	4º tri 2025 - prévia	3,0% t/t-1 (anualizado)	4,4% t/t-1 (anualizado)
20/fev	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Dez/25	0,3% m/m 0,4% m/m	0,3% m/m 0,5% m/m
20/fev	EUA	Vendas de novas casas	Nov/25 e Dez/25	-0,3% m/m	-0,1% m/m
20/fev	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Fev/26	57,2 pts	56,4 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação segue em acomodação, enquanto atividade decepciona em dezembro

A inflação medida pelo IPCA subiu 0,33% em janeiro, igual ao observado em dezembro e em linha com o esperado (0,32%), mantendo em curso o processo de desinflação da economia. No acumulado em 12 meses, o índice atingiu 4,44% (ante 4,26%), ainda abaixo do limite superior da meta.

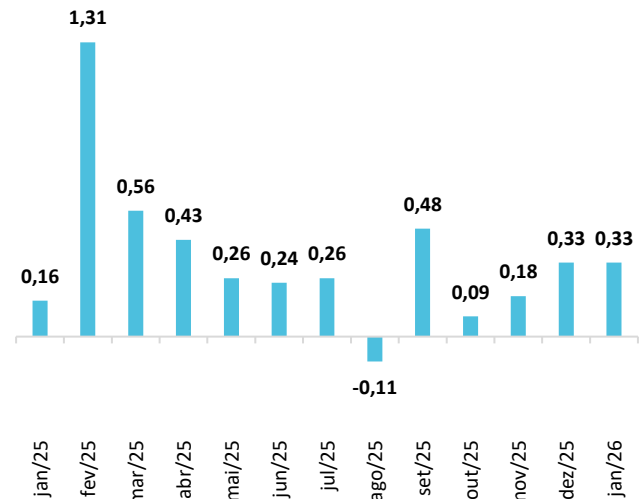
A alta no mês refletiu, especialmente, o avanço dos grupos transportes (+0,60%), saúde (+0,70%) e alimentação (+0,23%). No caso de transportes, a alta foi liderada pelos preços dos combustíveis (+2,14%), em função da elevação da alíquota do ICMS nos Estados e dos ônibus (+5,14%), parcialmente compensados pela queda das passagens aéreas (-8,90%), movimento típico do período. O grupo saúde e cuidados pessoais foi pressionado pelos itens de higiene pessoal (+1,20%). Já o grupo alimentação subiu 0,23%, abaixo do resultado de dezembro (+0,27%), puxado, de um lado pelos preços dos tubérculos (+7,63%) e carnes (+0,84%), enquanto os preços dos cereais (-1,27%) e leite e derivados (-2,31%) caíram no mês.

Na contramão, o grupo habitação recuou 0,11%, em função da queda da tarifa de energia elétrica residencial (-2,73%), devido à mudança da bandeira tarifária de amarela para verde em janeiro. Tal efeito compensou os reajustes nas tarifas de água e esgoto nas principais capitais (+2,56%).

A divulgação apontou que as principais métricas subjacentes seguiram em acomodação em 12 meses. A inflação dos alimentos no domicílio atingiu 0,45%, menor patamar desde dez/23 (-0,52%), refletindo a super safra agrícola. O núcleo de serviços desacelerou para 5,57% (ante 5,87%), menor nível desde outubro de 2023, apesar de seguir em alto patamar. Já os bens industriais ficaram relativamente estáveis, com alta de 2,50%, beneficiados pela apreciação cambial. A única exceção foram os preços monitorados, cuja inflação acelerou para 7,47% (ante +5,28%), devido ao efeito base gerado pelo Bônus de Itaípu em jan/25. Em fevereiro, sem tal efeito, o grupo deve voltar para a faixa de 5%, enquanto o índice IPCA voltará a ficar abaixo de 4%, algo não visto desde jun/24.

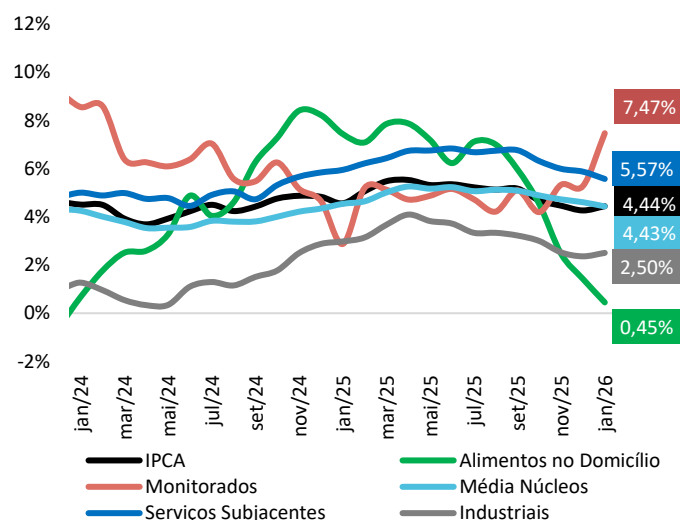
Portanto, o processo de desinflação segue em curso no país, inclusive com alguma melhora na inflação de serviços, cenário que abre espaço para o Copom começar a cortar a taxa Selic a partir de março, conforme já indicado pelo próprio Banco Central.

Quadro 1: IPCA Var. % mensal



Fonte: IBGE.

Quadro 2: IPCA e Aberturas Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.

O IGP-10, calculado pela FGV, trouxe números ainda mais benignos, com deflação de 0,42% em fevereiro, ante expectativa de -0,02%. Os itens agropecuários registraram deflação de 3,09% no atacado no período, refletindo a queda de uma série de produtos, como soja, café e leite. Esse quadro sugere que os preços dos alimentos devem seguir bem comportados para os consumidores nos próximos meses. Os itens industriais também mostraram um comportamento favorável, com queda de 0,02%. No acumulado em 12 meses, o IGP-10 registra deflação de 2,26% (ante -0,99%).

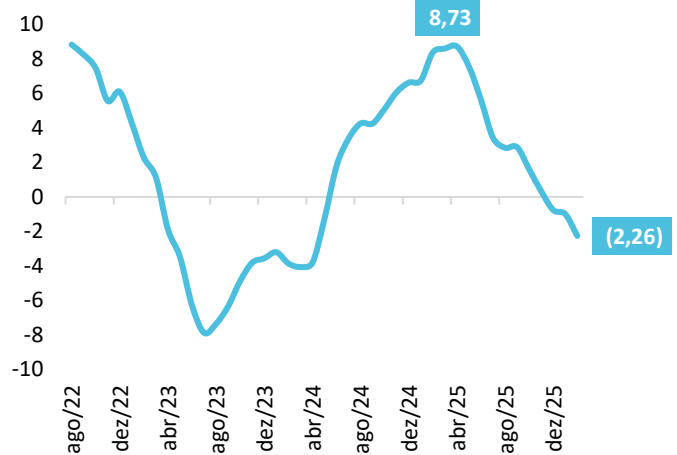
Os principais indicadores de atividade encerraram dezembro em terreno negativo. Na semana, foram divulgados os resultados do setor de serviços (-0,4%) e do varejo (-0,4%), ambos abaixo das expectativas dos agentes econômicos. Esses dados se somam ao resultado também negativo da indústria (-1,2%), conhecido na semana anterior. Os resultados reforçam as expectativas de que o PIB deve apresentar relativa estabilidade no 4T25 frente ao 3T25, com possibilidade de um ligeiro resultado negativo no período. Apesar disso, o desempenho de 2025 permanece positivo, com os setores industrial, de serviços e comércio em nível superior ao de 2024, embora com nítida perda de ímpeto ao longo do ano.

O varejo registrou queda de 0,4% em dezembro, resultado bem inferior à expectativa (+0,2%). No varejo ampliado, que inclui vendas de veículos, materiais de construção e no atacarejo, houve recuo de 1,2%, influenciado principalmente pela queda nas vendas de veículos (-2,4%) e de materiais de construção (-2,8%). A contração mensal ocorre após alta do setor em novembro (+1,0%), beneficiado pela consolidação da *Black Friday* no mercado brasileiro e possível antecipação das compras de fim de ano. Esse movimento ajuda a explicar a reversão do desempenho nas vendas nos supermercados (-0,3% em dezembro, após +1,1% em novembro), móveis e eletrodomésticos (-0,7% ante +2,3%) e de artigos farmacêuticos e perfumaria (-5,1% ante +2,3%).

Apesar do resultado negativo de dezembro, o setor encerrou o 4T25 com crescimento de 1,0% no conceito restrito e com alta de 1,5% no ampliado frente ao 3T25, indicando certa resiliência do consumo das famílias no período, após números mais fracos no 2T e 3T25.

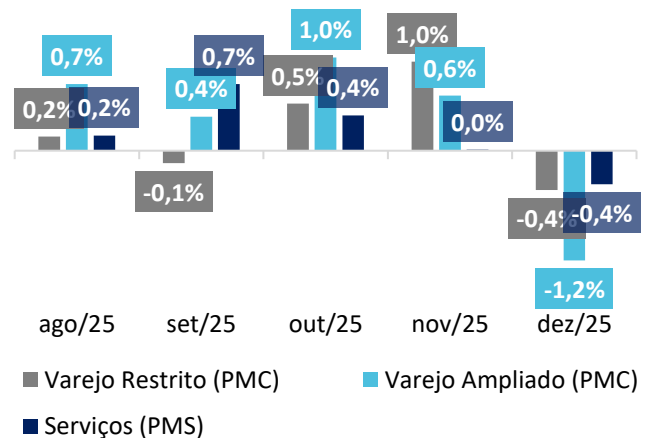
No acumulado de 2025, o varejo restrito avançou 1,6%, enquanto o ampliado ficou praticamente estável (+0,1%). A divergência entre ambos decorre principalmente dos resultados negativos das vendas de veículos (-2,9%) e no atacarejo (-2,3%) no ano. Entre os destaques positivos, contribuíram para o crescimento anual os segmentos de eletrodomésticos (+7,5%), artigos farmacêuticos (+4,5%) e materiais para escritório, informática e comunicação (+2,2%).

Quadro 3: IGP-10
Var.% 12 meses



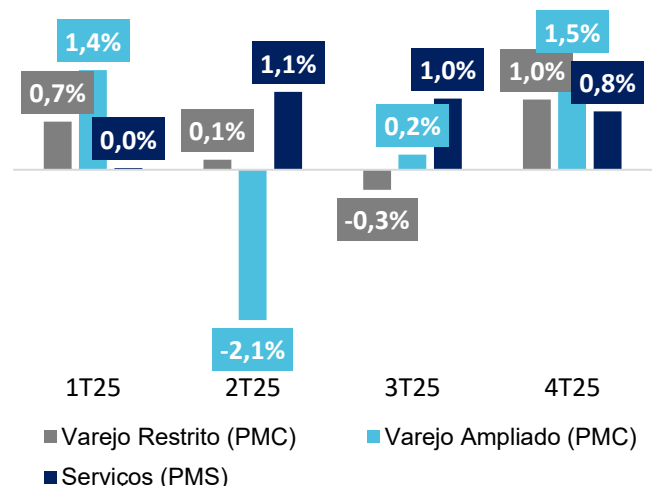
Fonte: FGV

Quadro 4: Indicadores de Atividade Econômica
Var % Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 5: Indicadores de Atividade Econômica
Var % Trimestral



Fonte: IBGE

Já o setor de serviços registrou queda mensal de 0,4% em dezembro, resultado inferior também às expectativas do mercado (-0,2%). Esse desempenho encerrou uma sequência de nove meses consecutivos de crescimento do indicador.

Ainda assim, o setor fechou o ano com alta de 2,8%, segundo a PMS/IBGE, refletindo a continuidade de certo dinamismo da atividade econômica em um contexto de manutenção do crescimento e melhora gradual do mercado de trabalho.

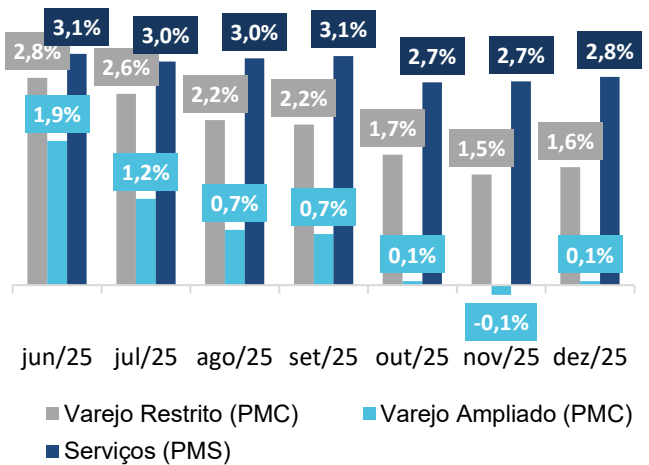
No trimestre, o setor também mostrou sinais de moderação: o 4T25 apresentou crescimento de 0,8%, ligeiramente inferior ao resultado do 3T25 (+1,0%), reforçando a leitura de perda gradual de ímpeto da atividade econômica na margem.

Ao longo de 2025, entretanto, persistiram sinais de desaceleração no setor. Esse movimento foi concentrado, sobretudo, em serviços prestados às famílias, cujo crescimento passou de 4,5% em 2024 para 1,1% em 2025, indicando acomodação da demanda após forte expansão no período anterior. Também houve perda de fôlego em serviços profissionais, administrativos e complementares, que avançaram 2,6% em 2025, abaixo dos 6,7% observados em 2024.

Por outro lado, alguns segmentos apresentaram desempenho mais favorável. Transportes reverteram o resultado negativo de -0,6% em 2024 para uma expansão de 2,3% em 2025, impulsionados pelo Transporte Aéreo (+15,6%). Serviços de Informação e Comunicação mantiveram trajetória robusta, com alta de 5,5% em 2025 (ante 6,2% em 2024), com destaque para Tecnologia da Informação e Comunicação (+6,2%) e Serviços de Tecnologia da Informação (+12,2%), refletindo a força estrutural do setor associada à transformação digital.

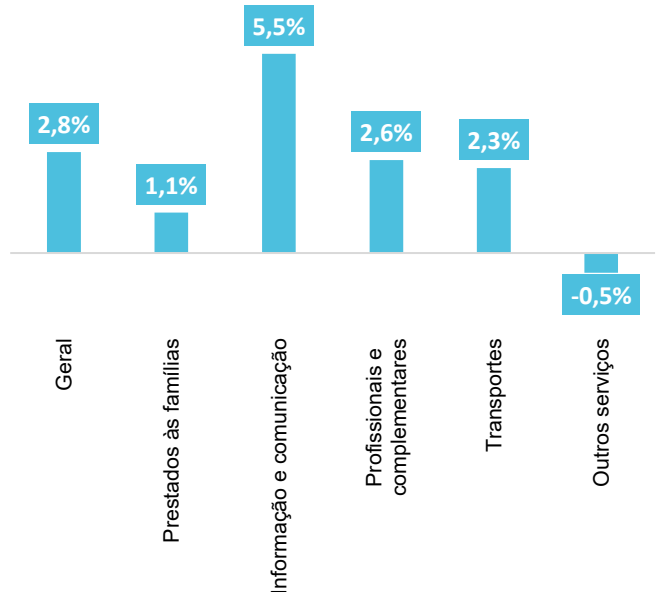
Portanto, após números mais positivos em outubro e novembro, o varejo e os serviços voltaram a registrar quedas em dezembro, reforçando o processo de desaceleração da economia, que deve levar a um desempenho bastante modesto do PIB no 4T25. De toda forma, mesmo com o enfraquecimento observado no final do ano, tanto o setor varejista quanto o setor de serviços deixam um *carry-over* positivo para 2026. No varejo, o carregamento estatístico ficou em 0,7%, enquanto os serviços encerraram o ano com *carry-over* de 1,1%, sugerindo que 2026 começa com impulso estatístico importante para a expansão do volume de atividade, ainda que em um ambiente de desaceleração.

Quadro 6: Indicadores de Atividade Econômica
Var % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.

Quadro 7: Setor de Serviços - Por Segmento
Var. % Anual



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Payroll forte e CPI dentro do esperado elevam apostas em manutenção dos juros em março

A semana foi marcada novamente por bastante volatilidade nos mercados internacionais. Os principais índices acionários fecharam a semana de lado, mesmo após um “sell-off” nos ativos relacionados à tecnologia no início do período, mas com impulso no fim da semana devido a números de inflação abaixo do esperado. Os rendimentos das *Treasuries* também mostraram alta volatilidade, subindo com dados mais fortes no mercado de trabalho (*payroll*), mas voltando a cair com dados de inflação abaixo do esperado. Esse cenário tem consolidado as apostas dos agentes na manutenção dos *Fed Funds* na reunião de março.

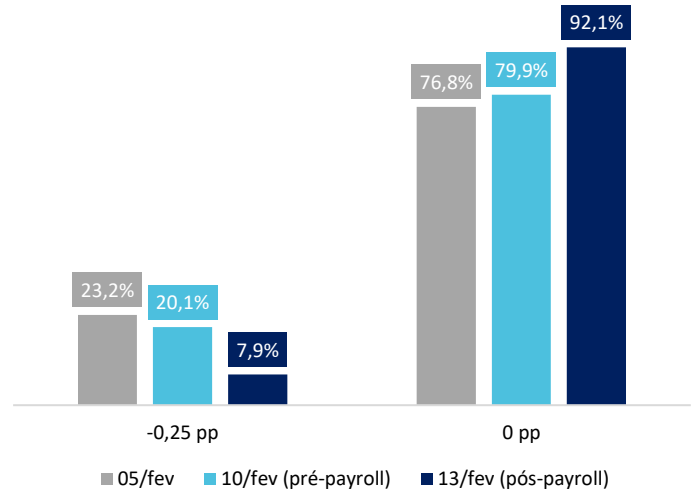
No âmbito geopolítico, os agentes permaneceram atentos às tensões entre EUA e o Irã, com discussões sobre o programa nuclear do país persa, com Trump cogitando enviar mais um porta-aviões para a região. Outro ponto importante foi a ameaça de Trump em deixar o acordo comercial da América do Norte (USMCA), elevando as incertezas em momento de renegociação junto ao Canadá e o México.

Com relação aos dados, o *payroll* registrou a criação de 130 mil vagas de emprego em janeiro nos EUA, bem acima do consenso (+69 mil) e do observado em dezembro (+48 mil, revisado). O dado indicou força tanto de setores menos sensíveis ao ciclo econômico (saúde +124 mil), como mais cíclicos (construção +33 mil). A leitura também trouxe a revisão anual dos dados, com redução de 403 mil vagas na geração de empregos em 2025, com as revisões negativas concentradas no 1T25 (-272 mil) e positivas no 4T25 (+16 mil), indicando um início de 2025 mais fraco do que o esperado e uma retomada nos meses finais. Já a taxa de desemprego caiu para 4,3% (ante 4,4%), contrariando a expectativa de estabilidade.

Quanto à inflação, o CPI subiu 0,2% em janeiro, abaixo do esperado (+0,3%), com alívio relevante vindo dos itens de energia (-1,5%), mas ainda com pressão em serviços de transporte (+1,4%) e aluguel (+0,2%). No acumulado em 12 meses, o CPI desacelerou para 2,4% (ante +2,7% em dez/25), menor valor desde mai/25. O núcleo, que desconsidera itens voláteis, também desacelerou (+2,5%; ante +2,6%), mostrando algum arrefecimento das pressões inflacionárias.

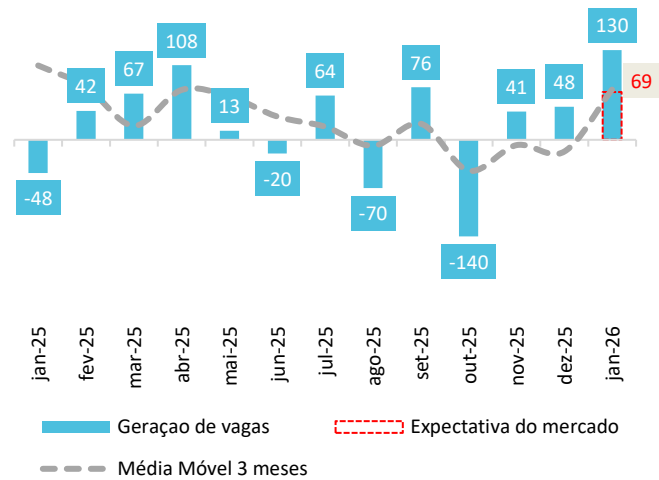
Na China, os dados de inflação reforçaram o ambiente deflacionário no país, com o CPI e o PPI registrando variações anuais de 0,2% e -1,4%, respectivamente, em meio ao excesso de capacidade instalada na indústria do país e a demanda interna enfraquecida.

Quadro 8: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de março



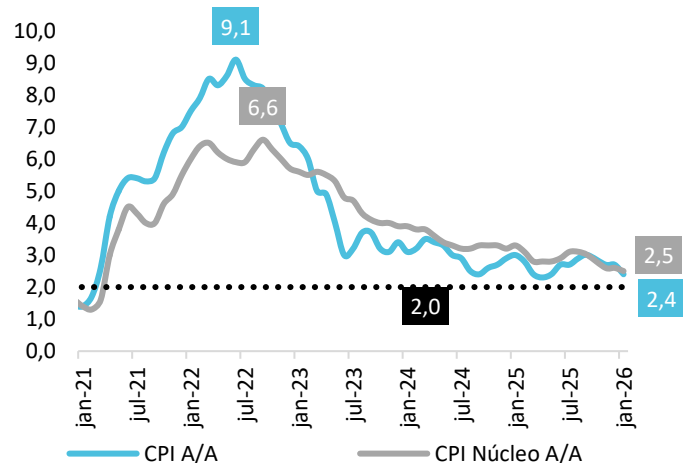
Fonte: CME Group.

Quadro 9: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg

Quadro 10: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Crescimento esperado para o saldo de crédito sobe para 8,4% em 2026

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 21 bancos entre 03 e 09 de fevereiro, elevou a expectativa de crescimento da carteira de crédito total de 2026 para 8,4% (ante 8,2% na pesquisa anterior). A projeção está em linha com os números recentes do segmento, que mostram que o mercado de crédito segue com desaceleração apenas gradual. Em 2025, a expansão do saldo se manteve na faixa de dois dígitos (10,2%).

O resultado reflete o aumento da expectativa de crescimento do crédito direcionado, cuja projeção subiu para 9,6% (ante 9,4%). Essa alta é explicada pelo crédito PJ (11,1%; ante 9,7%), que tem mostrado alto nível de expansão sustentado pelos programas governamentais para as MPMs. Na carteira Direcionada PF, a expectativa de crescimento caiu ligeiramente de 9,1% para 9,0%, dados os sinais ainda de baixo dinamismo no crédito rural, que segue com alta inadimplência.

Na carteira livre, a expectativa de crescimento ficou estável em 7,6%. De um lado, o crescimento esperado para a carteira PF subiu de 8,6% para 9,1%, em função da resiliência do mercado de trabalho, que tem impulsionado as linhas voltadas para o consumo. De outro, houve redução na projeção para a carteira PJ (de 6,2% para 5,6%), que tem mostrado menor crescimento, em

função da majoração do IOF e da concorrência enfrentada com as linhas direcionadas e o mercado de capitais.

A projeção para a inadimplência da carteira livre para 2026 ficou estável em 5,2%, após fechar 2025 em 5,5%. Isso indica que a expectativa é de que a inadimplência está próxima do seu pico e que deve começar a cair em breve, com a proximidade do início de queda da taxa Selic. Para 2027, a projeção é de 4,9%, mantendo a expectativa de recuo do indicador.

Também foram coletadas pela primeira vez projeções para 2027. A expectativa de crescimento da carteira total ficou em 7,7%, ou seja, patamar um pouco inferior ao projetado para este ano (8,4%). A projeção reflete altas esperadas de 7,4% para a carteira livre e de 8,3% para a direcionada.

Portanto, o resultado da Pesquisa mantém o viés de alta para as projeções do mercado de crédito, algo que foi observado ao longo de 2025. Assim, mesmo com uma taxa Selic bastante elevada, o crédito deve manter um bom ritmo de expansão neste ano, ainda que com leve moderação. Essa revisão altista nas projeções segue concentrada na carteira livre destinada às famílias e com recursos direcionados para as empresas.

O Quadro 11 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 11: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2026		2027	
	Pesquisa Dez/25	Pesquisa Fev/25	Pesquisa Dez/25	Pesquisa Fev/25
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,2	8,4	-	7,7
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	7,6	7,6	-	7,4
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	6,2	5,6	-	6,6
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,6	9,1	-	8,3
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,4	9,6	-	8,3
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	9,7	11,1	-	8,2
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,1	9,0	-	8,4
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	5,2	5,2	-	4,9

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

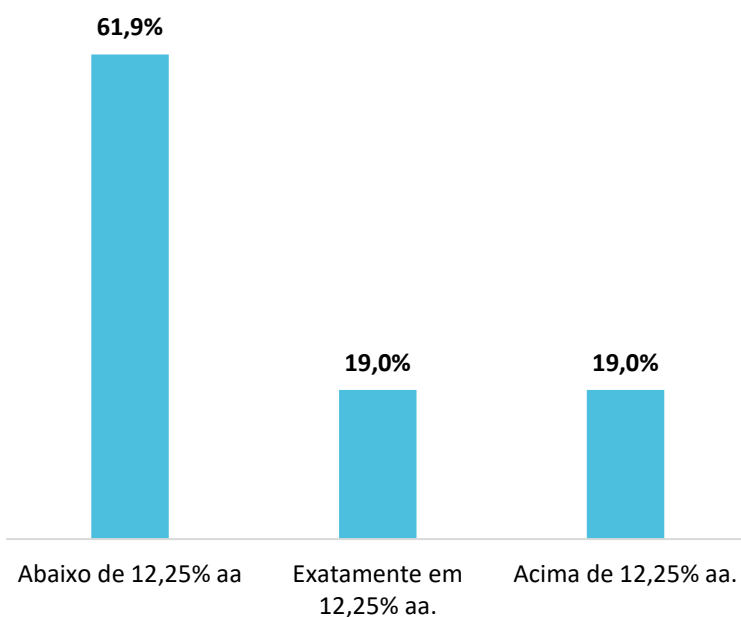
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria dos participantes (76,2%) da Pesquisa de Economia Bancária e Expectativas da Febraban classificou como Adequada a decisão do Copom de manter os juros inalterados em janeiro e já sinalizar o início do ciclo de flexibilização em março. A minoria se dividiu entre aqueles que entenderam a decisão como Conservadora (14,3%) ou Precipitada (9,5%).
- Os participantes projetam que o Copom irá cortar a taxa Selic em 0,50 pp em março, seguindo com este ritmo de cortes nas próximas reuniões. Além disso, pouco mais de 60% dos participantes acreditam que a taxa Selic deve ficar abaixo de 12,25% aa no fim do ano, isto é, nível inferior ao da atual expectativa trazida pelo Boletim Focus.
- A Pesquisa captou um aumento da dispersão das projeções para o PIB deste ano. Caiu de 55,0% para 38,1% a proporção daqueles que projetam um crescimento na faixa de 1,8% para 2026 (atual consenso de mercado). Por outro lado, aumentou a proporção daqueles que esperam um crescimento menor

(33,3%) ou maior (28,6%) do que tal patamar, embora sem uma direção clara. De todo modo, interessante observar que o percentual daqueles que esperam PIB maior que o consenso (1,8%) subiu de forma expressiva, de 15% para 28,6%.

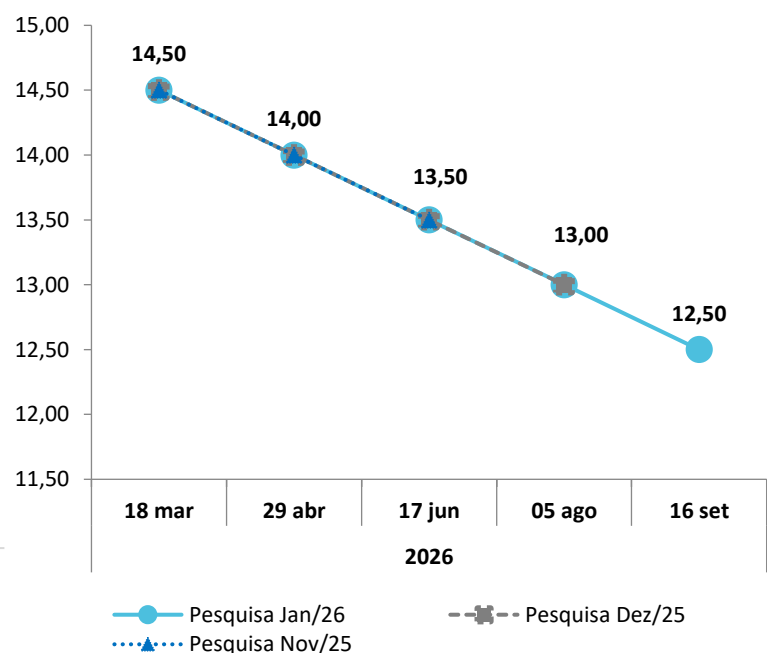
- A maioria dos participantes (71,4%) entende que o governo precisará adotar medidas adicionais para cumprir a meta fiscal deste ano (pouco abaixo do observado na pesquisa anterior, de 80,0%). Destes, 47,6% esperam que a agenda seja focada em medidas do lado das despesas (contingenciamento ou exclusão de despesas da meta).
- Mesmo com ligeira queda ante a pesquisa anterior, a maioria dos participantes (71,4% ante 73,7%) acredita que o mercado de crédito deve desacelerar de forma apenas gradual em 2026, beneficiado pela resiliência do mercado de trabalho e programas governamentais, compensando a política monetária contracionista. Quanto à inadimplência, parcela expressiva (78,9%) dos participantes estimam que esta deve se estabilizar em breve, ainda que em alto patamar.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 12: Expectativa para a Taxa Selic no fim de 2026



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 13: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Resultado Corporativo 2025 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 5,7 bilhões no 4T25, bem acima do esperado (R\$ 4,1 bi) e equivalente a uma forte recuperação no trimestre (+51,7%), mas ainda com recuo (-40,1%) no comparativo com o 4T24. Com isso, a rentabilidade patrimonial (ROE) mostrou alguma inflexão, atingindo 12,4%, após registrar o mínimo da série recente no 3T25 (8,4%).

O desempenho ante o 4T24 continua impactado pelo estresse no setor agropecuário, efeitos da Resolução 4.966/2021 e um caso específico no atacado (R\$ 3,6 bi), que refletiram fortemente no custo do crédito (PDD), que praticamente dobrou (+93,9%) no período, atingindo R\$ 18,0 bi. O movimento compensou o avanço da margem com clientes (+17,5%).

No acumulado de 2025, o lucro líquido ajustado foi de R\$ 20,7 bi, queda de 45,4% ante 2024. Assim, o ROE médio do ano ficou em 11,4% (ante 21,4% em 2024). O impacto também veio do aumento do custo do crédito (+73,5%), em meio à crise na carteira do agro. Ao mesmo tempo, a margem bruta (-0,8%) e as receitas com serviços (-1,9%) caíram no ano. A margem com o mercado recuou 48,6%, com a queda dos juros na Argentina (Banco Patagônia). A margem com clientes subiu 12,3%, com maiores volumes e spread do *mix* da carteira, mas não o suficiente para compensar a queda da margem com o mercado. As despesas administrativas subiram 5,1%. Com a combinação de queda das receitas e avanço das despesas o índice de eficiência subiu 2,1 pp, para 27,7%.

A carteira de crédito ampliada do BB cresceu 2,5% em 2025 (ou 3,1% sem a carteira externa), atingindo R\$ 1,297 tri. A alta foi liderada pela carteira PF (+7,6%), com destaque para cartão de crédito (+19,6%), pessoal não consignado (+11,8%) e, principalmente, o consignado privado, que apesar de representar ainda apenas 3% da carteira PF, cresceu 629,9%, atingindo um saldo de R\$ 11,1 bi. O crédito agro cresceu 2,1%, beneficiado pelo Regulariza Agro (MP 1.314, operacionalizado a partir de out/25), com saldo de R\$ 22,6 bi, enquanto linhas importantes (custeio -8,4%; investimento -2,1%) recuaram. Já o crédito PJ subiu apenas 0,6% no ano, com expansão de TVMs (+69,2%), compensando as retrações no crédito bancário para MPMEs (-7,9%) e grandes empresas (-5,0%).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) ficou em 5,2% da carteira, alta de 0,7 pp no trimestre e de 2,0 pp no ano. O indicador foi reconstruído desde o 4T24, passando a considerar TVMs na carteira de crédito, afetando a inadimplência PJ e Agro. A alta no ano foi disseminada entre os segmentos, com deterioração maior no agro (+3,9 pp, para 6,1%). De toda forma, o indicador também subiu na carteira PF (+1,9 pp, para 6,6%), puxada por cartão (+2,9 pp); e, PJ (+0,5 pp, para 3,8%).

O BB divulgou seu *guidance* para 2026, em que prevê uma expansão da carteira de crédito ampliada entre 0,5% e 4,5% (sem governo e externa), próxima ao desempenho de 2025 (+3,1%). A expansão deve ser puxada pela carteira PF (entre 6% e 10%) e com expectativa de baixo apetite no agro (-2% a 2%) e em PJ (-3% a 1%). O banco espera que o custo do crédito fique entre R\$ 53 bi e R\$ 58 bi, bem abaixo do apurado em 2025 (R\$ 61,9 bi), com perspectiva de alguma melhora da inadimplência, diante das renegociações no agro. Com isso, a projeção para o lucro líquido ajustado é que fique entre R\$ 22 bi e R\$ 26 bi, acima do observado em 2025 (R\$ 20,7 bi).

Quadro 14: Resultado 2025 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	2024	2025	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS¹			
Ativo Total	2.433.868	2.451.621	0,7%
TVM	593.503	729.784	23,0%
Depósitos	898.994	897.937	-0,1%
Patrimônio Líquido	190.072	192.105	1,1%
DRE			
Margem Financeira Bruta	103.944	103.128	-0,8%
Custo do Crédito	-35.698	-61.947	73,5%
Despesa de Perda Esperada	-41.422	-65.405	57,9%
Recuperação de Crédito	9.499	6.480	-31,8%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	35.477	34.813	-1,9%
Despesas Administrativas	-36.998	-38.872	5,1%
IR/CSLL	-7.657	2.008	-126,2%
Lucro Líquido Ajustado	37.896	20.685	-45,4%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²			
ROAE	21,4%	11,4%	-10,0 p.p.
ROAA	1,6%	0,9%	-0,7 p.p.
Índice de eficiência	25,6%	27,7%	2,1 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	1.264.506	1.296.511	2,5%
Interna	1.182.094	1.218.249	3,1%
PF	331.833	356.965	7,6%
PJ	452.552	455.150	0,6%
Agronegócios	397.710	406.133	2,1%
Externa	82.412	78.262	-5,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	1,4%	0,7 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,2%	5,2%	2,0 p.p.
Índice de Basileia	13,8%	15,1%	1,4 p.p.
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	-	70,6%	-

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Atualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	13/02/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,22	0,07%	-11,10%	-4,60%	-9,44%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	128,40	1,51%	-27,75%	-7,29%	-23,64%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,80	-0,34%	12,45%	-0,70%	10,86%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,15	-0,44%	-11,74%	-4,73%	-11,77%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,12	-0,71%	-11,30%	-2,66%	-11,63%
Índice Ibovespa (em pontos)	186.293,16	1,83%	46,79%	15,62%	49,21%
IFNC (setor financeiro)	20.255,83	1,52%	54,68%	17,11%	55,73%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,41	-2,57%	-3,26%	-1,18%	-20,88%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,05	-3,75%	-4,42%	-1,79%	-10,61%
Dollar Index	96,84	-0,82%	-0,16%	-1,43%	-9,76%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.836,17	-1,39%	-1,48%	-0,87%	11,79%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	166,39	-5,53%	-0,73%	0,51%	21,05%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	137,88	-3,11%	3,67%	10,08%	9,33%
Índice Euro Stoxx 50	5.985,23	-0,22%	0,63%	3,26%	8,81%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	258,08	-5,45%	-6,28%	-2,16%	49,90%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	67,70	-0,51%	-4,23%	9,33%	-9,76%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins